

# IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

*Literatura e internet: arte digital, escola experimental.*

JORNADA EM AÇÃO

09 a 11 de novembro de 2016

UPF

Passo Fundo (RS), Brasil.

## UNIVERSO DA ESCRITA E LEITURA: RESGATE E PERSPECTIVAS DAS NOVAS MODALIDADES

Tanise Corrêa dos Santos do Nascimento<sup>1</sup> (UPF)

Jéssica Fernanda Mezdri<sup>2</sup> (UPF)

### 1 A METAMORFOSE DOS LEITORES HODIERNOS

A formação de um leitor crítico, questionador, consciente de sua cidadania e do seu papel histórico-social, agente de transformações - leitor de si e do mundo, deve ser instigado e questionado desde a mais tenra idade<sup>3</sup> a exercer sua criticidade, aliás, quando referimo-nos a esta, remetemo-nos ao poder de escolhas de opinar sobre algo. José Gimeno Sacristán (2007, p. 91) afirma que “o inimigo da leitura não está na cultura audiovisual que domina os meios de comunicação e as novas tecnologias, mas nas desafortunadas práticas dominantes de ler, a que submetemos os alunos durante a escolaridade”. Sendo assim, cada gênero discursivo implica certas habilidades perceptivas e cognitivas do leitor para que ele possa dar conta das possíveis interpretações sugeridas pelo texto.

Já Santaella (2007, p. 19) delineou “os três tipos de habilidades sensoriais, perceptivas e cognitivas que estão envolvidas nos processos e no ato de ler, de modo a configurar modelos cognitivos de leitor.” Através disso, resultaram quatro tipos de leitores com seus próprios modelos cognitivos: o leitor contemplativo, o leitor movente, o leitor imersivo e o leitor ubíquo.

Como o próprio nome sugere, o leitor contemplativo é aquele que contempla, medita e reflete sobre o que está lendo. Esse leitor se tornou dominante a partir do século XVI e implica na relação entre o livro e o leitor, como um processo íntimo e silencioso realizado em

---

<sup>1</sup> Mestranda em Letras pela Universidade de Passo Fundo – RS - Brasil E-mail: tanyse@gmail.com

<sup>2</sup> Mestranda em Letras pela Universidade de Passo Fundo – RS - Brasil

E-mail: jessicamezdri@gmail.com

<sup>3</sup> É válido lembrar que as crianças gostam de imaginação, de ter um terreno minado sem respostas aparentes para que as mesmas possam descobrir as saídas possíveis por si mesmas, enquanto os adolescentes leem muitas vezes por fuga, por estarem sozinhos e isto lhes proporcionar prazer em serem donos de si, de saberem o que fazer sem ninguém para lhes dar ordem.

## IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

*Literatura e internet: arte digital, escola experimental.*

**JORNADA EM AÇÃO**

**09 a 11 de novembro de 2016**

**UPF**

**Passo Fundo (RS), Brasil.**

lugares retirados. A leitura contemplativa é uma atividade prazerosa em que o livro é manuseado e, apesar de possuir sequência, permite que o leitor volte ou adiante as páginas repetidas vezes. O leitor contemplativo, que também pode ser chamado de leitor movente, não é leitor somente de livros, mas aquele que tem diante de si objetos e signos duráveis, localizáveis, manuseáveis e imóveis como “pinturas, gravuras, partituras. É o mundo do papel e do tecido da tela. O livro na estante, a imagem exposta, à altura das mãos e do olhar”. (SANTAELLA, 2007, p. 24). Esse leitor busca a leitura silenciosa, em lugares retirados e específicos para manter a concentração e viajar pelas palavras.

Divergente ao leitor contemplativo, o leitor movente surge na revolução industrial, no aparecimento dos grandes centros urbanos e com a explosão do jornal, portanto é um leitor em movimento, guiado pelo tempo e pelas inovações. O leitor movente é aquele que lê fragmentos e não mais leituras extensivas, “é o leitor que foi se ajustando a novos ritmos da atenção, ritmos que passam com igual velocidade de um estado fixo para um móvel”. (SANTAELLA, 2007, p. 29). Esse leitor foi treinado pelas distrações e correria do dia-a-dia, os livros deram espaço às imagens, sons e ruídos. O leitor movente é ágil e abriu caminhos para o aparecimento do leitor imersivo. Este por vez, surgiu na “era digital”, início do século XXI e diferencia-se dos dois primeiros leitores pela sua interatividade e imersão na leitura. O leitor imersivo é o leitor virtual, já não é mais o contemplativo que segue a sequência das páginas, tampouco é meramente expectador das imagens, pinturas e televisão. Através do suporte multimídia esse leitor busca manter-se informado pelo clique do *mouse*.

A leitura imersiva pode ser subdividida em três níveis: errante, detetive e previdente. O primeiro é o caso do navegador que busca caminhos desconhecidos como quem brinca explorando campos de possibilidades. O detetive é orientado pelas inferências e segue estratégias para adaptar sua aprendizagem. Por fim, o previdente é aquele que se movimenta pela lógica da previsibilidade, é capaz de elaborar e por isso segue processos ordenados.

Embora possam ser classificados em três níveis, “a figura ideal do leitor imersivo deveria ser aquela capaz de misturar de modo equilibrado os três níveis de leitura imersiva: o errante, o detetivesco e o previdente”. (SANTAELLA, 2007, p. 180). O leitor imersivo muito se difere dos descritos anteriormente, no entanto, com o rápido avanço da tecnologia, cedeu espaço a um novo tipo de leitor, o ubíquo. A utilização do adjetivo “ubíquo” refere-se a dois

# IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

*Literatura e internet: arte digital, escola experimental.*

**JORNADA EM AÇÃO**

**09 a 11 de novembro de 2016**

**UPF**

**Passo Fundo (RS), Brasil.**

tipos de computação: a pervasiva e a móvel. Conforme Santaella (2000, p. 34), a computação móvel é quando um dispositivo computacional e os serviços que ele providencia podem ser transportados e mantendo sua conexão com a internet. Por outro lado, a computação pervasiva diz respeito à distribuição de meios computacionais por ambientes e objetos. O leitor ubíquo é caracterizado pela capacidade de estar presente em qualquer tempo e lugar por meio de sistemas computacionais de pequeno porte que se fazem presentes nos ambientes e podem ser transportados de um lugar para outro. De acordo com Santaella (2013), “a atenção é irremediavelmente uma atenção parcial contínua. Quer dizer, a atenção responde ao mesmo tempo a distintos focos sem se demorar reflexivamente em nenhum deles. Ela é continuamente parcial”.

Embora existam diferentes nomenclaturas para cada leitor, vale ressaltar que o surgimento de um novo leitor não implica no desaparecimento dos anteriores, eles se complementam. Pensar os diferentes tipos de leitor auxilia na reflexão sobre o perfil que as crianças e jovens do século XXI possuem e, pensando em seu convívio social em meio aos espaços de ensino-aprendizagem, a questionar como se tem agido em relação às novas habilidades de leitura que este público possui em meio a muitas telas, com as mais diferentes interfaces e finalidades em meio aos multiletramentos são ponto de partida para se questionar frente à era digital.

## **2 MUDANÇAS RELATIVAS À HODIERNIDADE E AOS LEITORES DIGITAIS**

A vida social com as constantes mudanças que ocorrem na era da informação estabelece que, para responder às demandas desta sociedade da informação<sup>4</sup>, temos que estar atualizados e informados, buscando sempre um maior conhecimento, já que a competitividade do mercado de trabalho também aumenta. No mundo hodierno em que estamos vivendo, da era digital, muitas vezes o livro convencional está sendo substituído pelo digital. Conforme José Gimeno Sacristán (2007) devido às mudanças ocorridas, os ‘depósitos’ que possuímos (textos escritos), bem como a disponibilidade deles, em forma de livros de papel ou eletrônicos também mudaram e continuarão mudando – as maneiras de ensinar e aprender,

---

<sup>4</sup> Cf. denomina José Sacristán (2013).

# IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

*Literatura e internet: arte digital, escola experimental.*

**JORNADA EM AÇÃO**

**09 a 11 de novembro de 2016**

**UPF**

**Passo Fundo (RS), Brasil.**

assim como as regras de acesso ao conhecimento e às possibilidades de expressão das pessoas, e ao modo de ler e o que ler também mudaram e continuarão a mudar. Vale enfatizar a assertiva de Brait (2010, p. 209) quando ressalta que

seria importante reconhecer que é a linguagem, e não apenas a língua, que está em jogo e que, a cada partida, um complexo de vivências e conhecimentos interfere decisivamente no desempenho e nos resultados isto é, na leitura e na produção de textos,

visto que devemos ler os textos como um todo e não como partes desassociadas, já que vivemos na era das multimodalidades e multiletramentos.

## **2.1 Novas Modalidades: percurso da Escrita e Leitura**

Chartier (2002b) ao discorrer o percurso da escrita e do manuscrito até os dias atuais esclarece alguns fatores que alternaram o fluxo contínuo de leitura entre os estudantes, principalmente os jovens universitários, é que grande parte destes, se possuem livros para leitura e estudo, se deve ao fato de seus pais possuírem curso superior, por isso a maior parte dos jovens tem acesso à leitura por meio de fotocópias<sup>5</sup>, em partes de texto dadas pelos professores para leitura, mas que a frequência a bibliotecas aumentou significativamente na década de 1990, segundo o autor<sup>6</sup>. Sobre este assunto é pertinente citar que Chagas (2009) enfatiza a importância das bibliotecas públicas possuírem livros virtuais, horários de atendimento que possam contemplar a população que trabalha e/ou estuda, além de

---

<sup>5</sup> Nas palavras de Chagas (2009, p. 03) “a leitura durante a graduação, ela é fragmentada, xerocopiada. Além disso, nossos legados e tradições deixam a desejar quanto se tem altas taxas de alunos por professor, quarenta alunos enquanto em outros países como Estados Unidos, Inglaterra e Alemanha, este número é reduzido pela metade, além de insuficiências funcionais e de dotação das bibliotecas, planos sobrecarregados tanto dos professores quanto dos aprendizes sem tempo para ler, pensar, questionar, expressar-se..., sem dizer da tradição das instituições de não avaliar a qualidade de suas práticas”.

<sup>6</sup> Chartier (2002b) rememora a importância das bibliotecas, e a intenção da Biblioteca Universal, a qual tinha a pretensão de ser uma fonte exequível de poder e sabedoria, mas mesmo assim não consegue se firmar como tal, devido à diversidade de fatos e conhecimentos existentes. Apesar disso, há um ponto desfavorável no que se refere às bibliotecas: se possuírem muito material, corre-se o risco de ter de se desfazer dele (mesmo obras raras) por falta de espaço e de utilidade.

Além disso, é de suma importância citar que para o historiador em questão, as bibliotecas do futuro, apesar de toda reforma tecnológica que tão de perto nos rodeia, não serão exterminadas, pelo contrário, deverão servir de instrumentos para que os novos leitores possam encontrar suporte para seus livros digitais, além de servir de ponto de encontro para a socialização dos futuros leitores.

# IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

*Literatura e internet: arte digital, escola experimental.*

**JORNADA EM AÇÃO**

**09 a 11 de novembro de 2016**

**UPF**

**Passo Fundo (RS), Brasil.**

remodelarem seu atendimento bem como as bebetecas, para que desde cedo se possa incentivar nossas crianças ao hábito da leitura<sup>7</sup>.

Embora alguns autores defendam o uso do livro virtual, Chartier (2002b) esclarece que a noção do livro, como é posta em evidência ainda é determinada pela função de objeto, e se for posto na tela, deixa de sê-lo material, tornando-se obviamente virtual, pois os suportes que os textos possuem são entregues à leitura nesse mesmo modo, neste caso a tela do computador, do tablet, celular..., sendo que as formas de leitura são decididas pelo leitor. A inquietação do teórico é que se não se distinguem os gêneros/repertórios textuais, visto que a aparência na tela é semelhante a qualquer texto, sendo assim há uma hierarquização dos discursos.

Além disso, o texto é exposto de modo aberto, maleável com a forma, quase idêntica a todas as produções escritas no modo digital. Isto é, as formas de leitura e escrita precisaram adaptar-se às transformações vivenciadas pela humanidade<sup>8</sup>. Segundo Chartier (2002b) com o advento do modo digital até mesmo os direitos morais e econômicos serão modificados. Isso porque há várias mudanças<sup>9</sup> que poderão ocorrer quanto ao livro eletrônico e aos modos de leitura que ele propicia, mas uma dúvida permanece: que capacidade esse novo livro produzirá em seus leitores? Do mesmo modo segundo o teórico, essas mudanças podem não se aprofundar e não haver sedução das desigualdades intelectuais, ou seja, corremos o risco de um novo “iletrismo” definido “não mais pela capacidade de ler e escrever, mas pelas possibilidades de aceder às novas formas de transmissão da escrita, que não são baratas”. (CHARTIER, 2002b, p. 112). Ainda há a proposta dos co-autores (leitores) influenciarem na obra digital, sendo que isto é sedutor, porém os potenciais leitores do mundo eletrônico ainda

---

<sup>7</sup> Nesse sentido há que se ressaltar que o contato com o texto “exerce condicionamentos sobre a interpretação do leitor (este, em vista de ter contato com os textos através também da leitura em voz alta e da representação teatral, sendo, por isso, além de leitor, ouvinte e espectador, deveria ser chamado de *receptor*)”. (NAVARRETE, 2011, p. 37).

<sup>8</sup> Levi (1998, p. 38) pondera que: “O aparecimento da escrita acelerou um processo de artificialização, de exteriorização e de virtualização da memória que certamente começou com a hominização. Virtualizante, a escrita dessincroniza e deslocaliza. Ela fez surgir um dispositivo de comunicação no qual as mensagens muito frequentemente estão separadas no tempo e no espaço de sua fonte de emissão, e portanto são recebidas fora do contexto. Do lado da leitura, foi portanto necessário reafirmar as práticas interpretativas. Do lado da redação, teve-se que imaginar sistemas de enunciação autosuficientes, independentes do contexto... ”.

<sup>9</sup> Uma dessas mudanças é a transformação do livro digital, por meio do papel eletrônico. Outro fator importante a se pensar é no que se refere aos termos jurídicos, tais como propriedade literária, *copyright*, direitos do autor, estética, originalidade, visto que estes direitos foram criados pensando no livros escrito, e não no digital.

## IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

*Literatura e internet: arte digital, escola experimental.*

**JORNADA EM AÇÃO**

**09 a 11 de novembro de 2016**

**UPF**

**Passo Fundo (RS), Brasil.**

são ínfimos, isso porque, apesar de todo aparato tecnológico, a leitura ainda está presa às formas impressas e que devemos ser “bastante lúcidos para não tomarmos o virtual por um real já presente”. (CHARTIER, 2002b, p. 113).

O autor defende que a originalidade que a escrita possui se deve ao fato das diferentes transformações da cultura escrita<sup>10</sup>, e que a revolução eletrônica é ao mesmo tempo uma revolução técnica de produção de textos, uma revolução do suporte escrito, e uma revolução das práticas de leitura. A apresentação eletrônica modifica a noção de contexto, bem como a produção de sentido, isso porque substitui a contiguidade física e aproxima os diferentes textos arquitetados no livro. Outro fator a se destacar é que modifica a materialidade das obras porque “desfaz o elo [...] visível que une o texto e o objeto que o contém e porque proporciona ao leitor, e não mais ao autor ou ao editor o domínio da composição, o recorte e a própria aparência das unidades textuais que ele deseja ler”. (CHARTIER, 2002b, p. 114)., isto é, o historiador concebe a leitura virtual de modo fragmentado.

Entretanto, tanto o diálogo quanto a interação devido aos avanços tecnológicos, passaram a acontecer não apenas em relação aos seres humanos em seus processos comunicativos e interativos, mas também em relação aos suportes utilizados nessa comunicação, contribuindo para o surgimento de uma convergência das mídias, um encontro, uma transformação dos meios e da própria comunicação<sup>11</sup>. Da cultura da convergência<sup>12</sup> surgem novas formas de comunicação, de interação, de imersão e até mesmo diferentes formas de cultura. Entre os termos que se referem à cultura - e quando nos referimos a esta, o letramento, conhecimento de mundo e de capacidade de escrita estão aliados - supõe-se que “as tecnologias de escrita, instrumentos das práticas sociais de leitura e de escrita,

---

<sup>10</sup> Faz-se pertinente a referência à obra *A história cultural: entre práticas e representações*, na qual Chartier faz uma retomada dos principais pontos culturais materiais e imateriais que permeiam o legado das representações coletivas, bem como do texto e as modalidades das práticas de leitura e sentidos aos gestos individuais e coloca no centro da interrogação os processos pelos quais, face a um texto é historicamente produzido um sentido e diferentemente construída a significação (CHARTIER, 2002c).

<sup>11</sup> Esse diálogo configura-se em “Um processo chamado “convergência de modos” [que] está tornando imprecisas as fronteiras entre os meios de comunicação, mesmo entre as comunicações ponto a ponto, tais como o correio, o telefone e o telégrafo, e as comunicações de massa, como a imprensa, o rádio e a televisão. Um único meio físico – sejam fios, cabos ou ondas – pode transportar os serviços que no passado eram oferecidos separadamente. De modo inverso, um serviço que no passado era oferecido por um único meio – seja a radiodifusão, a imprensa ou a telefonia – agora pode ser oferecido de várias formas físicas diferentes. Assim, a relação um a um que existia entre um meio de comunicação e seu uso está corroendo.” (POOL, 1986, p. 112 apud JENKINS, 2006, p. 35).

<sup>12</sup> Este termo pode ser conhecido por híbrido/hibridismo, sincretismo, aculturação, etc.

# IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

*Literatura e internet: arte digital, escola experimental.*

JORNADA EM AÇÃO

09 a 11 de novembro de 2016

UPF

Passo Fundo (RS), Brasil.

desempenham um papel de organização e reorganização desse estado ou condição”. (SOARES, 2004, p. 149). Sobre o processo de escrita do pertencente ao mundo digital, Levy (1993, p. 40-41) declara que

O hipertexto é dinâmico, está perpetuamente em movimento. Com um ou dois cliques, obedecendo por assim dizer ao dedo e ao olho, ele mostra ao leitor uma de suas faces, depois outra, um certo detalhe ampliado, uma estrutura complexa esquematizada. Ele se redobra e desdobra à vontade, muda de forma, se multiplica, se corta e se cola outra vez de outra forma. Não é apenas uma rede de microtextos, mas sim um grande metatexto de geometria variável, com gavetas, com dobras. Um parágrafo pode aparecer ou desaparecer sob uma palavra, três capítulos sob uma palavra ou parágrafo, um pequeno ensaio sob uma das palavras destes capítulos, e assim virtualmente sem fim, de fundo falso em fundo falso. [...] Ao ritmo regular da página se sucede o movimento perpétuo de dobramento e desdobramento de um texto caleidoscópico.

Estas mudanças efetuadas na era do conhecimento fazem com que haja uma interação entre leitor e texto, texto e leitor e também estes com ser humano e o conhecimento, o que Levy (1993) chama de desterritorialização. Soares (2004) ao estudar o processo de letramento digital e *cibercultura*, rememora alguns teóricos, entre os quais Ramal (2002, p. 84, apud SOARES, 2004, p. 151) quando afirma que

Estamos chegando à forma de leitura e de escrita mais próxima do nosso próprio esquema mental: assim como pensamos em hipertexto, sem limites para a imaginação a cada novo sentido dado a uma palavra, também navegamos nas múltiplas vias que o novo texto nos abre, não mais em páginas, mas em dimensões superpostas que se interpenetram e que podemos compor e recompor a cada leitura.

Mas em meio a tantas *mutações da relação com o saber*<sup>13</sup> (LEVY, 1999, p. 157) há uma constatação de Chartier (1994, p. 100-101) que contrariam esses pensamentos que somente se abrem a favor da escrita digital, visto que

---

<sup>13</sup> Essa mutação diz respeito à velocidade de surgimento e renovação de saberes, ou seja, os conhecimentos adquiridos por uma profissional no início de sua carreira profissional não serão os mesmos ao final dela, ele deverá sempre estar em atualização, além disso a mutação também se refere ao conhecimento que nunca pára de crescer.

# IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

*Literatura e internet: arte digital, escola experimental.*

**JORNADA EM AÇÃO**

**09 a 11 de novembro de 2016**

**UPF**

**Passo Fundo (RS), Brasil.**

Se abrem possibilidades novas e imensas, a representação eletrônica dos textos modifica totalmente a sua condição: ela substitui a materialidade do livro pela imaterialidade de textos sem lugar específico; às relações de contiguidade estabelecidas no objeto impresso ela opõe a livre composição de fragmentos indefinidamente manipuláveis; à captura imediata da totalidade da obra, tornada visível pelo objeto que a contém, ela faz suceder a navegação de longo curso entre arquipélagos textuais sem margens nem limites. Essas mutações comandam, inevitavelmente, imperativamente, novas maneiras de ler, novas relações com a escrita, novas técnicas intelectuais.

É claro que existem muitos benefícios, mas a era do texto eletrônico também evidencia comunidades separadas, desunidas, cimentadas pelos usos específicos destas novas técnicas e o “embargo de grandes empresas multimídias sobre a base de dados digitais e a constituição de um público universal”. (CHARTIER, 2002b, p. 115). Isso pode acarretar a separação das identidades, a hegemonia de um modelo cultural único, mas também pode trazer a constituição e a comunicação de novos conhecimentos, além da “preguiça eletrônica” que os aparatos tecnológicos causam. Lévy (1996, p. 40) pondera que o virtual só eclode com a “entrada da subjetividade humana no circuito, quando num mesmo movimento surgem a indeterminação do sentido e a propensão do texto a significar, tensão que uma atualização, ou seja, uma interpretação, resolverá na leitura”.

Isso é claro: se há uma nova modalidade de leitura e escrita, também há novos letramentos e novos comportamentos, novas maneiras de significar, de subjetivar. E, sendo assim, precisa-se de pensadores críticos que estejam dispostos a analisar cautelosamente estas novas modalidades que tão de perto nos circundam, pois ainda estamos em uma fase de transição não se tendo respostas prontas para as perguntas, e quem sabe quando as tivermos, novas perguntas surgirão.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A leitura possui um senso de intimidade, de atualização, tende a ser aprazível e por isso, costumeiramente se faz em silêncio. Mas esse panorama muda cada vez mais rapidamente, à medida que novas ferramentas comunicacionais surgem e delas o homem se apropria. Modernamente desenvolvemos um modo de leitura e escrita virtual, tendo em vista a

# IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

*Literatura e internet: arte digital, escola experimental.*

**JORNADA EM AÇÃO**

**09 a 11 de novembro de 2016**

**UPF**

**Passo Fundo (RS), Brasil.**

era do computador e das ferramentas que a WWW nos oferta. Aliás, não há como negar uma certa resistência até mesmo por parte dos usuários da WWW em ter que realizar uma leitura virtual, já que carregamos resquícios da leitura impressa e para que consigamos nos adaptar ao mundo virtual é necessário mais autonomia e criticidade por parte dos usuários, o que nem sempre é possível.

Apesar de existirem dúvidas quanto à implementação do mundo virtual na leitura e na escrita, há muitos pontos positivos na virtualização literária, pois essa renovação possibilita ao público aficionado em tecnologia o acesso à literatura, de forma interativa e profícua, isto porque ao mesmo tempo que se mantém a tradição, inova-se complementarmente ao introduzir a tecnologia. Além disso, como ainda estamos em fase de implantação deste mundo virtual, 'linkado' aos mais diversos itens que possam integrar o mundo do usuário das ferramentas computacionais, ainda não se produziram conclusões concisas, já que adentramos em um mundo novo que somos convidados a subjetivarmos-nos frente a esse mundo virtual. É importante salientar, que se o mundo virtual aproximar o homem da leitura e da escrita, teremos nele um mais um aliado contra a alienação intelectual que tão de perto nos rodeia.

## **Referências**

BRAIT, Beth. *Tramas verbo-visuais da linguagem*. In: \_\_\_\_\_ *Literatura e outras linguagens*. São Paulo: Contexto, 2010.

CHAGAS, Flomar A. Oliveira. *A (Des)valorização das práticas de leitura*. Disponível em: [http://www2.unucseh.ueg.br/ceped/edipe/anais/IIIedipe/pdfs/2\\_trabalhos/gt01\\_lingua\\_portuguesa\\_literatura\\_brasileira/trab\\_gt01\\_a\\_des\\_valorizacao\\_das\\_praticas\\_de\\_leitura.pdf](http://www2.unucseh.ueg.br/ceped/edipe/anais/IIIedipe/pdfs/2_trabalhos/gt01_lingua_portuguesa_literatura_brasileira/trab_gt01_a_des_valorizacao_das_praticas_de_leitura.pdf) acesso em: 27. Dez. 2015.

CHARTIER, Roger. *Do códex à tela: as trajetórias do escrito*. In: CHARTIER, R. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília, DF: UnB, 1994. p. 95-111.

\_\_\_\_\_. *Do palco à página: publicar teatro e ler romances na época moderna – séculos XVI-XVIII*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002a.

\_\_\_\_\_. *Os desafios da escrita*. Trad. Fúlvia M. L. Moretto. São Paulo: Unesp, 2002b.

\_\_\_\_\_. *A história cultural: entre práticas e representações*. 2.ed. Difusão Editorial. S. A. Algés: Portugal, 2002c.

**IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE  
LITERATURA E INFORMÁTICA**

*Literatura e internet: arte digital, escola experimental.*

**JORNADA EM AÇÃO**

**09 a 11 de novembro de 2016**

**UPF**

**Passo Fundo (RS), Brasil.**

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. Tradução Susana Alexandria. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

\_\_\_\_\_. *O que é Virtual?* Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.

\_\_\_\_\_. *Cibercultura*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

NAVARRETTE, Eduardo. Roger Chartier e a Literatura. *Revista Tempo, Espaço e Linguagem* (TEL), v. 2 n° 3 p. 23-56 Set./Dez. 2011

SACRISTÁN, José Gimeno. A importância de desescolarizar a leitura nas sociedades da informação. In: *A educação que ainda é possível: ensaios sobre uma cultura para a educação*. Trad. Valério Campos, Porto Alegre: Artmed, 2007, Cap. 5, p. 91-114.

\_\_\_\_\_. O currículo na sociedade da informação e do conhecimento. IN:\_\_\_\_\_. *Saberes e incertezas sobre o currículo*. Tradução Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTAELLA, Lucia. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007.

\_\_\_\_\_. Desafios da ubiquidade para a educação. *Revista Ensino Superior Unicamp*. São Paulo, n. 9, abril. 2013. Disponível em:  
<<https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/artigos/desafios-da-ubiquidade-para-a-educacao>>. Acesso em: 10. Set. 2016.

\_\_\_\_\_. *O leitor ubíquo e suas consequências para a educação*. 2014. Disponível em:  
<[http://www.agrinho.com.br/site/wp-content/uploads/2014/09/2\\_01\\_O-leitor-ubiquo.pdf](http://www.agrinho.com.br/site/wp-content/uploads/2014/09/2_01_O-leitor-ubiquo.pdf)>. Acesso em: 10. Set. 2016.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro, n. 25, p. 5-17, Jan/Fev/Mar/Abr 2004. Disponível em:  
<<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>>. Acesso em: 22. Set. 2016.